

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, E. Ferreira,
M. Laranjeira, M. Lourinho, E. Miranda e S. Reis

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XVII

SETEMBRO 1956

N.º 120

Os levitas, em seu hino registado por Nehemias, cantaram: «Tu só és Senhor, Tu fizeste o Céu, o Céu dos Céus, e todo o seu exército; a Terra é tudo quanto nela há; ... e Tu os guardas em vida a todos». Nehemias 9:6. Quanto ao que respeita a este Mundo, a obra de Deus, da criação, está completa; pois as obras estavam «acabadas desde a fundação do Mundo». Hebreus 4:3. Mas a Sua energia ainda é exercida ao sustentar os objectos da Sua criação. Não é porque o mecanismo, uma vez posto em movimento, continui a agir por sua própria energia inerente, que o pulso bate, que respiração se segue a respiração; mas cada respiração, cada pulsar do coração é uma prova daquele cuidado que tudo penetra, por parte d'Aquelle em Quem «vivemos, e nos movemos, e existimos». Actos 17:28. Não é por causa de um poder inerente que ano após ano a Terra produz seus dons e continua o seu movimento em redor do Sol. A mão de Deus guia os planetas e conserva-os em posição na sua marcha ordenada através dos Céus. Ele «produz por conta o Seu exército», «a todas chama pelos seus nomes; por causa da grandeza das Suas forças, e pela fortaleza do Seu poder, nenhuma faltará». Isaías 40:26.

É pelo Seu poder que a vegetação floresce, que as folhas aparecem e as flores desabrocham. Ele «faz produzir erva sobre os montes», e por Ele os vales se tornam férteis. Todos os animais da floresta buscam o seu sustento de Deus (Salmos 147:8; 104:20, 21), e toda a criatura vivente, desde o menor insecto até ao homem, depende diariamente do Seu

E Tu os guardas em vida a todos

cuidado providencial. Tais são as belas palavras do salmista: «Todos esperam de Ti. ... Dando-lho Tu, eles o recolhem; abres a Tua mão, e enchem-se de bens». Salmos 104:27, 28.

A Sua palavra governa os elementos; cobre os Céus de nuvens, e prepara a chuva para a Terra. «Dá a neve como lã, espargue a geada como cinza». «Fazendo Ele soar a Sua voz, logo há arrojado de águas no Céu, e sobem os vapores da extremidade da Terra: Ele faz os relâmpagos para a chuva, e faz sair o vento dos seus tesouros». Salmos 147:16; Jeremias 10:13.

Deus é o fundamento de todas as coisas. Toda a verdadeira ciência está em harmonia com as Suas obras; toda a verdadeira educação conduz à obediência ao Seu governo. A ciência descenda novas maravilhas à nossa vista; ela faz altos voos e explora novas profundidades; mas nada traz de suas pesquisas que esteja em conflito com a revelação divina. A ignorância pode procurar apoiar opiniões falsas a respeito de Deus apelando para a ciência; mas o livro da natureza e a palavra escrita derramam luz um sobre o outro. Somos assim levados a adorar o Criador, e a depositar uma confiança inteligente em Sua palavra.

Nenhuma mente finita pode compreender completamente a existência, o poder, a sabedoria, ou as obras do Ser infinito. Diz o escritor sagrado: «Porventura alcanças os caminhos de Deus ou che-

por
Ellen G. White

garás à perfeição do Todo-poderoso? Como as alturas dos Céus é a Sua sabedoria; que poderás tu fazer? Mais profunda é ela do que o inferno, que poderás tu saber? Mais comprida é a sua medida do que a Terra; e mais larga do que o mar.» Job 11:7-9. Os mais poderosos intellectos da Terra não podem comprehender a Deus. Os homens podem estar sempre a pesquisar, sempre a aprender, e ainda há, para além, o infinito.

Todavia as obras da criação testificam do poder e grandeza de Deus. «Os Céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos». Salmos 19:1. Aqueles que tomam a palavra escrita como seu conselheiro, encontrarão na ciência um auxílio para compreender a Deus. «As Suas coisas invisíveis, desde a criação do Mundo, tanto o Seu eterno poder, como a Sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas». Romanos 1:20.

Este número foi visado

pela

Comissão de Censura

Que pede o Senhor de ti?

«Que é o que o Senhor teu Deus pede de ti?» (Deut. 10:12). Esta pergunta é ampla, e numerosas podem ser as respostas; por isso limitemos a sua área, pensando particularmente no que Deus requer de nós quanto ao mundo perdido em que vivemos. Apresentaremos esses requisitos em sete parágrafos:

1. *Devemos partilhar da compaixão de Cristo pelos homens.* Esta compaixão de Cristo era predominante quando comparada com todos os outros princípios que orientavam a Sua obra. Por isso, Ele chorava pelos perdidos, suportava fatigantes viagens, era tratado como um proscrito, vivia sem possuir um lar próprio, orava noites inteiras, e era incompreendido e rejeitado. Não havia alma a quem Ele não estivesse pronto a ministrar, quer se tratasse de um leproso, de uma mulher surpreendida em pecado, de um pai privado de um filho, ou de um fraco discípulo que O negara com pragas.

Visto que a compaixão de Cristo era pessoal e ao mesmo tempo universal, não deveria ser semelhante ao Seu o nosso amor por este Mundo tão pobre, obstinado, indiferente, amante de prazeres e doente?

2. *Devemos ter a alegria que enche os corações dos salvos.* Um homem estava sentado em sua casa, num Domingo de manhã, sem esperança e desanimado. A sua vida parecia ter totalmente fracassado. Estava a ler uma novela e a fumar um cachimbo, e perto encontrava-se um copo de cerveja. Tudo que ele aguardava era um pequeno período em que pudesse esquecer o fardo das suas preocupações. Decidira divorciar-se de sua esposa porque o lar estava sempre cheio de violentas questões, e ultimamente começara a pensar que a única solução era o suicídio.

A rádio tinha transmitido o último programa popular, quando súbitamente a música de um suave

Por
W. P. BRADLEY
 Secretário Adjunto da Conferência Geral

hino evangélico começou a encher a sala. Em seguida ouviu-se uma oração e uma mensagem de coragem, terminando com um convite de inscrição num curso bíblico por correspondência. No seu desespero o homem decidiu escrever.

Essa carta foi o ponto crucial da sua vida. Meses depois foi baptizado na Igreja Adventista, e constituiu uma experiência inesquecível testemunhar a sua alegria ao contar como Deus lhe trouxe a alegria da salvação e uma nova esperança. Ver almas salvas enche o verdadeiro cristão de uma alegria incomensurável.

3. *Devemos considerar um privilégio ajudar a desfazer a obra que o pecado fez.* O pecado espalhou um violento incêndio sobre a natureza e o homem. Fez com que os homens ficassem cegos, surdos, coxos e maus, e encheu os cemitérios de mortos.

Ao visitar um dos nossos hospitais missionários fui conduzido de sala em sala para ver os doentes, alguns dos quais pareciam as próprias fezes da sociedade. Quando terminou a visita, o director médico, que era um consagrado missionário cristão, contou como durante o ano transacto o trabalho do hospital abriu o caminho da salvação a vinte não-cristãos, entre os quais dois maometanos.

Quem não sentiria que vale a pena empregar a sua força e recursos em trazer a restauração física e espiritual a vítimas do pecado?

4. *Devemos abalar a entorpecida letargia espiritual deste mundo.* Acostumamo-nos tanto à atmosfera deste Mundo que deixamos que o ópio da indiferença entorpeça as nossas faculdades espirituais.

«Vi que o povo de Deus pisa o terreno encantado, e que alguns quase perderam todo o senso da brevidade do tempo e do valor da alma.» — *Early Writings*, pág. 120. Os nossos sentidos carecem de ser despertados por Deus, a fim de que possam responder mais prontamente ao que Ele requer de nós.

Havia um jovem num dos nossos colégios que não via qualquer necessidade de se excitar acerca da religião, mesmo que se tratasse da fé adventista do sétimo dia. Então algo de notável lhe sucedeu no meio de uma Semana de Oração.

Ao terminar o seu curso, ele e sua esposa aceitaram um apelo para irem como pioneiros para um difícil campo missionário. Aprendeu uma língua difícil e foi o instrumento para levar a um povo atrasado a luz da verdade presente. Uma doença incurável abateu-o, e agora jaz numa sepultura de missionário no meio do povo que foi salvar. A sua obra na Terra terminou, mas a sua resposta ao apelo do dever continua a inspirar-nos com o mesmo espírito.

5. *Devemos lembrar-nos de que o negócio do Rei exige pressa.* O tempo que temos para viver foi descrito como um tempo emprestado. A obra de Deus já há muito devia estar terminada. E ainda há muito a fazer. A população do nosso mundo eleva-se agora a quase dois biliões e meio de almas que serão submetidas a juízo. Destes apenas cerca de um terço são nominalmente cristãos; e dos cristãos apenas um quarto são protestantes. Dos protestantes apenas metade de um por cento são Adventistas do Sétimo Dia.

O aspecto encorajador é que a mensagem adventista está tão espalhada no seu testemunho que se os meios que temos ao nosso dispor fossem empregados sábia e vigorosamente e fossem abençoados por Deus, a obra de preparar o caminho para o Rei vindouro poderia em breve ser levada a termo. Mas nos diferentes campos o trabalho faz apenas progressos moderados

A maior destas é a caridade

Jesus falou sobre o novo nascimento como o princípio de uma experiência de toda a vida, a qual prepara a pessoa para uma parte no reino de Deus. Pedro lembra aos cristãos a quem estava escrevendo, que deviam crescer «na

quando é certo que, se houvesse mais fundos, os resultados poderiam ser dobrados ou triplicados.

Durante a Sua vida Jesus trabalhou com o senso da urgência da Sua missão, pois Ele disse: «Convém que Eu faça as obras d'Aquele que Me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.» (João 9:4).

6. *Devemos organizar individualmente os nossos recursos de maneira a suprir as necessidades da obra de Deus.* Sem dúvida todos podíamos, prestando maior atenção ao modo como usamos os meios que nos foram confiados por Deus, conseguir aumentar as quantias que damos nas ofertas regulares e especiais para as missões.

Muitos dos nossos missionários que estão labutando com paciência e esperança dizem-nos que o fardo mais pesado que suportam não são as longas horas de trabalho nem as fatigantes viagens, mas o facto de não poderem responder aos apelos de centenas e milhares que pedem que se lhes ensine o evangelho.

7. *Devemos fazer uma aliança com Deus pelo sacrifício.* Um Sábado de manhã, depois de ter sido feito um apelo em favor das missões numa reunião campal, uma irmã veio ao tesoureiro da conferência com o seu livro de cheques na mão. Um exame do livro mostrou que o seu saldo era de um pouco mais de cem dólares, e essa soma tinha sido atingida com pequenas quantias depositadas durante um período de tempo bastante longo. Ela desejava dar tudo para as missões, dizendo que Deus a tinha impressionado a fazer isso de preferência a dar apenas os

graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo». (II S. Ped. 3:18).

Tanto o novo nascimento como o crescimento na graça, são obra do Espírito Santo. Os frutos do Espírito são a manifestação exterior dessa obra. Esses frutos são mencionados na epístola de Paulo aos Gálatas:

«Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.» (Gál. 5:22 e 23).

Dessas nove graças ou frutos do Espírito, podemos dizer: «A maior destas é a caridade» O amor é o solo onde medra a justiça. Possuí-lo é ser semelhante a Deus, pois Deus é amor. O amor cria intenso desejo de agradar e servir àquele a quem tem por objecto.

Quando o amor se apodera da alma todos os outros frutos do Espírito se manifestarão na vida. Paulo torna isto patente no clássico capítulo de I de Coríntios,

cinco dólares que tivera em mente ao vir para a reunião naquele Sábado. Da reunião campal voltou para casa alegrando-se por ter sido julgada digna de ter uma parte no grande programa divino de salvação de almas.

«O sacrifício próprio é a nota dominante dos ensinamentos de Cristo. Muitas vezes é apresentado e ordenado em linguagem que parece autoritária, porque Deus vê que não há outra maneira de salvar o homem senão tirando da sua vida o egoísmo que, se fosse retido, degradaria todo o seu ser.» — *Testimonies*, vol. 9, pág. 49.

Que pede o Senhor de ti? Muito, quando olhado sob o ponto de vista humano; pouco, quando olhado à luz da cruz. A graça de Deus pode ajudar-nos a cumprir todos os requisitos e a habilitar-nos assim a fazermos plenamente a nossa parte para ajudar a terminar a obra.

onde nos é dito que o amor (1) é sofredor, (2) é benigno, (3) não é invejoso, (4) não trata com leviandade, (5) não se ensoberbece, (6) não se porta com indecência, (7) não busca os seus interesses, (8) não se irrita, (9) não suspeita mal, (10) não folga com a injustiça, (11) mas folga com a verdade, (12) tudo sofre, (13) tudo crê, (14) tudo espera, (15) tudo suporta.

O amor torna os actos valiosos

É-nos dito: «Unicamente o amor torna qualquer acto valioso aos olhos do Céu.» — *O Conflito dos Séculos*.

«Deus considera mais a quantidade de amor com que alguém trabalha, do que a quantidade de trabalho que faz.» — *Testimonies*, Vol. II, pág. 135.

Paulo exprime os mesmos pensamentos nas palavras: «E ainda que distribuisse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria.» (I Cor. 13:3).

É pelo motivo de cada acto que somos julgados, e não pelo acto em si mesmo. Unicamente Deus pode ser juiz, porquanto somente Ele conhece os pensamentos do homem.

«O Esquadrinhador dos corações inspeciona os motivos e muitas vezes os actos que atraem altos elogios dos homens são por Ele registados como inspirados por motivos egoístas... Todo o acto da nossa vida... é julgado pelo Examinador dos corações, segundo os motivos de que deriva.» — *Testimonies*, Vol. II, pág. 512.

Quando o amor é a força motriz, toda a acção está em harmonia com a verdade de Deus. Por ele será mudada toda a vida. Eis porque Cristo disse a Seus discípulos:

«Um novo mandamento vos

dou: Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. *Nisto todos conhecerão* que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.» (S. João 13:34 e 35).

Quão assustadoras são estas palavras: «Os homens crerão, não o que o ministro prega, mas o que a igreja vive.» — *Testimonies*, Vol. IX, pág. 21. «A verdade seja introduzida na vida prática.... Então a mensagem do terceiro anjo se avolumará até formar um alto brado.» — *Idem*, Vol. VI, pág. 401.

Como poderemos introduzir este fruto de amor na vida prática? Eis a importante questão. Não quão zelosamente podemos expor a verdade, mas quão cuidadosamente a vivemos, é que deve merecer a nossa primeira consideração.

Não se passa um só dia sem que o cristão tenha um chamado a demonstrar qualquer aspecto do amor. Lembremo-nos de que o amor é o oposto do egoísmo; portanto, onde habita o amor, o bem dos outros ocupa o primeiro lugar nos pensamentos.

O amor tornará o marido terno para com a esposa, e esta amável para com o marido, e os pais atenciosos para com os filhos. Não haverá rivalidade quanto ao primeiro lugar, ou quanto ao melhor no lar. Cada membro da família encontrará a máxima satisfação em tornar os outros membros felizes. O amor no lar torna o partilhar das tarefas domésticas um prazer. Onde acontece haver choque entre os planos e desejos, eles cedem um ao outro sem queixas, quando assim é melhor.

O amor pelos filhos

Este amor no lar não levará os pais a serem condescendentes com os desvios dos filhos, antes os fará diligentes na disciplina a fim de que a sua prole seja criada no temor do Senhor.

E que diremos do amor na igreja, amor em nossas relações

sociais? O amor suavizará e dominará a vida. Ele refinará e enobrecerá o carácter. Ajudar-nos-á a lidar pacientemente com os errantes. A cobrir as faltas dos irmãos, e não as passar adiante aos que não se interessam. O amor recusar-se-á a tomar parte com os amigos ou conhecidos em qualquer acto que rebaixe as normas do recto procedimento e talvez leve à queda espiritual de outros.

O amor considerará os mais preciosos interesses de uma colectividade e fará com que uma pessoa proceda em harmonia com isto, de modo a não trazer descrédito sobre a verdade, e fazer com que outros tropecem. O amor só tem em vista o bem dos outros e a glória de Deus, em tudo quanto se faz. O progresso da verdade para aquele que a ama, é de mais interesse do que promover o próprio proveito. Portanto, quando o amor

reside no coração da fraternidade, não há rivalidades por causa de posições. Quando sobrevém algum mal-entendido, há também satisfação em ceder, ou boa vontade em pedir perdão.

Na igreja de que Cristo é a cabeça, são sempre supremos no espírito dos que a amam o ministério e o serviço, e não o ser honrado.

Há tantas coisas que pedem a manifestação do amor cada dia, que nem se podem numerar. Sabemos que, quando o amor se manifesta em todo o ponto de contacto com os homens por parte de professores cristãos, então, e só então, a vida será um testemunho irresistível em favor da verdade.

Quanto precisamos nós orar pela manifestação, na vida, desse fruto do amor, o primeiro e o maior de todos frutos do Espírito!

Departamento de Publicações

da União Portuguesa

Relatório de vendas referente a Junho e Julho de 1956

| NOMES | HORAS | LIVROS | REVISTAS | TOTAL |
|-----------------------------|-------|------------|------------|------------|
| António G. Duarte | 355 | 5.830\$00 | 2.079\$00 | 7.909\$00 |
| Isaías da Silva | 141 | 3.885\$00 | 430\$00 | 4.315\$00 |
| Adelino Diogo | 336 | 3.615\$00 | 380\$00 | 3.995\$00 |
| Clemente Sales | 105 | 2.385\$00 | 200\$00 | 2.585\$00 |
| Maria Luísa Saboga | 105 | —\$— | 2.400\$00 | 2.400\$00 |
| Manuel Oliveira | 210 | 2.400\$00 | —\$— | 2.400\$00 |
| Flora Saramago | 356 | —\$— | 2.143\$00 | 2.143\$00 |
| Júlio Augusto Luís | 117 | 1.745\$00 | —\$— | 1.745\$00 |
| Afonso António | 203 | 1.700\$00 | —\$— | 1.700\$00 |
| Manuel Correia Ratana | 240 | —\$— | 1.675\$00 | 1.675\$00 |
| Joaquim Oliveira | 27 | 150\$00 | 970\$00 | 1.120\$00 |
| António Pinto Aguiar | 57 | 1.115\$00 | —\$— | 1.115\$00 |
| Eliseu Gomes | 196 | 838\$00 | —\$— | 838\$00 |
| Maria Resende | 43 | —\$— | 661\$00 | 661\$00 |
| Júlia Sanches | 115 | —\$— | 440\$00 | 440\$00 |
| Januário Quintino | 39 | 390\$00 | —\$— | 390\$00 |
| | 2.745 | 24.053\$00 | 11.378\$00 | 35.431\$00 |

O Secretário de Publicações

Vitor Martínez

Muitas vezes falamos de conversão sem compreender o que ela realmente significa.

Alguns parecem experimentar a necessidade de uma vida melhor, e sentem que o facto de que os seus nomes estão nos registos da igreja lhes garante a vida eterna. Outros são levados por algum reavivamento emocional que se generalizou na comunidade em que vivem, e juntam-se a ele sem qualquer senso real do que implica a conversão.

A palavra «conversão» vem do latim, e literalmente significa «voltar com». Aplicando praticamente, podemos dizer que seguimos num certo caminho, que descobrimos ser o mau caminho. Achamos o caminho verdadeiro, e voltamo-nos para seguir na sua direcção.

Falando mais correctamente, a palavra requer uma completa transformação em toda a natureza do indivíduo. Não só ele deve transformar-se no seu comportamento exterior, mas a sua própria natureza deve ser transformada, de tal maneira que todos os seus desejos e inclinações sejam mudados. O apóstolo Paulo exprime bem isso em 2 Coríntios 5:17: «Portanto se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.»

Desde a primeira experiência do homem, vemos que há uma relação muito directa entre as nossas emoções e a acção do coração. Este facto levou muita gente a supor que o coração é a sede das emoções, bem como o centro de tudo que se relaciona com o carácter. Ainda hoje por vezes falamos do coração neste sentido.

A Bíblia refere-se frequentemente ao coração como se fosse a sede do intelecto. Por exemplo, Romanos 10:10: «Visto que com o coração se crê para a justiça; e com a boca se faz confissão para a salvação.» Em Hebreus 10:16 Paulo escreveu acerca do novo concerto, e disse: «Porei as minhas leis em seus corações, e as escreverei em seus entendimentos.»

Nicodemos teve de noite uma entrevista com o Salvador. Reconheceu a Cristo como «mestre vindo

Ilustrando o Assunto da Conversão

de Deus», mas essa não era a espécie de confissão que indicava a verdadeira conversão, nem reconhecia Jesus como o Filho de Deus. Jesus então disse: «Aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.» (João 3:3).

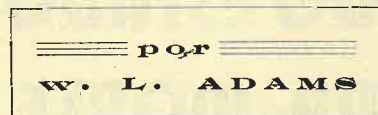
Quando uma criança nasce para o Mundo respira sem ter consciência disso. Tem desejo de alimento, e não necessita de ser ensinada a tomá-lo. Exercita os seus músculos, e gradualmente torna-se cada vez mais activa. De igual modo a criança recém-nascida em Cristo terá uma inclinação natural para respirar a respiração da alma, que é a oração. Desejará o leite sincero da Palavra. Quererá exercitar os seus músculos espirituais na forma de viver e falar de tal maneira que atraia os outros para o seu novo modo de vida. Estes são sinais da sua nova vida em Cristo, mas não constituem o meio da sua salvação.

A figura da adopção é usada por Paulo em Gálatas 4:5. As Escrituras representam os que se convertem como sendo adoptados na família de Deus. Por natureza somos estranhos à comunidade de Israel, e devemos ser recebidos na família de Deus se queremos ser cristãos.

Uma criança nasce num lar, mas por qualquer motivo torna-se necessário que ela seja levada para outro. O marido e a esposa do novo lar querem considerá-la como sendo sua, e assim procedem de acordo com as leis da adopção, preenchendo os necessários papéis. Ela então torna-se um membro da sua família, e tem todos os direitos e privilégios dos outros filhos da família.

Por sua parte, a criança adoptada será educada de maneira que compreenda e respeite as tradições da casa, e não se porte de maneira que coloque mal sua família. Assim sucede com quem foi adoptado na família de Deus.

Na Bíblia achamos também a conversão comparada ao processo



da enxertia. Em Romanos 11:16-24, Paulo escreve acerca do estado dos judeus em comparação com o dos gentios. Sob o ponto de vista individual, o judeu e o gentio encontram-se em termos iguais no plano da salvação. Embora a nação judaica tenha algumas vantagens sobre os gentios, o indivíduo está no mesmo pé. Todos pecaram, e por conseguinte todos estão em necessidade da graça salvadora de Deus. O judeu não deve ser salvo pelo facto de ser judeu na carne, nem o gentio será salvo pelo facto de se tornar um judeu literal.

O processo de enxertia compreende-se bem no mundo das plantas. Paulo diz que o indivíduo é enxertado na boa oliveira, mas contrariamente à natureza. Segundo a natureza, se a oliveira brava é enxertada no tronco de uma boa oliveira, o ramo que é enxertado produzirá azeitonas bravas; mas se é de um modo contrário à natureza, então o ramo de oliveira brava que é enxertado na boa oliveira produzirá segundo o tronco da raiz.

Todos nós pertencemos à oliveira brava por natureza, e quando somos enxertados na boa oliveira, que é Cristo, devemos então produzir frutos de justiça. Esta justiça não é nossa, mas de Cristo. Não produzimos este fruto apenas para provar que estamos unidos a Cristo, mas porque, se a nossa experiência é genuína, é impossível agir de outro modo. Uma pessoa convertida obedecerá às leis de Deus, não para mostrar que é boa em si mesma, mas como demonstração da obra da graça no coração, que a leva a fazer o que é recto. Não guardará os mandamentos de Deus como meio de salvação, mas por ter sido remida e salva do pecado.

OS JUDEUS E A DOCTRINA BÍBLICA DO ESTADO DO HOMEM NA MORTE

Por E. FERREIRA

Ao lermos o Antigo Testamento, torna-se evidente que, antes da era cristã, os judeus acreditavam que o homem é por natureza mortal e que, depois da morte, a única esperança de vida só pode realizar-se por meio da ressurreição. Segundo eles, entre a morte e a ressurreição o homem jaz na inconsciência, e, depois de despertarem, os salvos gozarão de uma vida eterna e os condenados experimentarão um aniquilamento total.

Esta doutrina, em que muitos leitores da Bíblia tão pouco repararam, não passou despercebida a homens que longe estão de poder considerar-se teólogos.

Assim, por exemplo, Renouvier viu claro ao escrever as seguintes palavras: «A solução dada ... parece fortemente motivada, se se considera o papel essencial que desempenha o dogma da ressurreição no judaísmo e no cristianismo primitivo como condição da vida futura. Este papel vai-se enfraquecendo à medida que nos afastamos dos tempos apostólicos e que se desenvolve nos espíritos a noção da imortalidade natural da alma» (1).

Mais recentemente, escreveu o filósofo americano G. Santayana: «Os judeus desenvolveram com o tempo a dramática profecia da ressurreição dos mortos ou pelo menos de alguns deles. Entre o instante da morte e o da ressurreição, os justos dormem no seio de Abraão, e não podem recuperar a sua vitalidade normal. ... Tal concepção persiste no Novo Testamento, e parece ter sido satisfatória enquanto se esperava para um futuro próximo a segunda vinda de Cristo, e continua sendo fundamental para a doutrina oficial da Igreja. Todavia, quando passaram

várias gerações ... a especulação cristã e o sentimento cristão começaram a notar-se profundamente afectados pelo platonismo» (2).

Esta crença, bem arraigada na mente dos judeus dos primeiros tempos, sofreu certo abalo com a Dispersão por influência do paganismo circunjante e sobretudo da filosofia grega. Vemos indícios de uma mudança de atitude nos Livros dos Macabeus, em que já se pressupõe uma certa sobrevivência dos mortos.

No entanto, mesmo após o início da era cristã, ainda acreditavam os judeus em certos aspectos da doutrina bíblica do estado do homem na morte.

Não era difícil manterem a ideia do aniquilamento total dos impenitentes, e em apoio desse ponto de vista dão testemunho os seguintes textos do Talmud: «A ressurreição dentre os mortos não pertence senão aos justos. Como poderiam os ímpios reviver, pois que mesmo em sua vida eles estão mortos?» (*Sanhedrin*, parág. 1.º). «O dia da ressurreição não pertence senão aos justos.» (*Taanith*, 7 a; *Bereschith rabbah*, 13). «Da mesma maneira que o gado, degolado pelo magarefe, não renasce mais para a vida, assim os ímpios serão definitivamente destruídos.» (*Kohel rabbah*, 69 b). «Os corpos dos ímpios serão destruídos uma segunda vez, — é a segunda morte.» (*Targum de Jonathan*, Sal. XXXVII, 20). «Depois do juízo final não existirá mais a geena.» (*Asarah maamaroth*, 85; *Nedarim*, VIII; *Abodah zarah*, III; *Midrash rabbah*, I, 30).

Mais difícil do que a aceitação da doutrina do aniquilamento dos impenitentes, era a do intervalo de inconsciência que medeia entre a morte e a ressurreição. Sem Cristo

— «primícias dos que dormem» — como explicar essa ressurreição? Enquanto, nos tempos do Antigo Testamento, os israelitas olhavam para o Messias vindouro como suma esperança de vida eterna, podiam compreender a doutrina da morte e da ressurreição. Depois de rejeitarem Jesus, essa esperança deixou de ter razão de ser, e os judeus com o andar dos tempos passaram a olhar para a vida futura com os mesmos olhos com que os pagãos a visionavam, — ou como reincarnação, ou como sobrevivência da alma seguida (quando?) de uma quase supérflua ressurreição do corpo.

Assim os judeus de hoje não seguem a doutrina bíblica do estado do homem na morte, da mesma maneira que a não seguiam no século XVII e por isso não puderam compreender a posição da dramática figura de dissidente, que foi o judeu português Uriel da Costa, a quem vamos dedicar algumas linhas.

★

Nascido no Porto, por volta de 1580, Uriel da Costa era filho de cristãos novos. Educado na Igreja católica romana, segue em Coimbra estudos universitários. Tendo quase terminado o Curso de Cânones, consegue ser colocado como tesoureiro de uma Colégiada do Porto. Embora, porém, se esforçasse por cumprir à risca os preceitos da Igreja em que fora criado, fortes dúvidas surgiram no seu espírito acerca da verdade da mesma. Mas ouçamo-lo antes descrever o que sentia: «Acabei por cair em inextricáveis enleios, em ansiedades e aperturas de coração.

(1) Artigo de Ch. Renouvier, em *La Critique Philosophique*, de 24 de Abril de 1873; apud E. Petavel-Olliff, *Le Problème de l'Immortalité*, vol. I, Paris 1891, págs. 82, 83.

(2) George Santayana, *De la idea de Cristo en los Evangelios*. Trad. espanhola, publicada pela Editorial Sud-Americana, Buenos Aires, 1947, págs. 278, 279.

Ia-me finando de melancolia e mágoa. Antolhou-se-me impossível confessar os pecados segundo os termos da Igreja romana, de modo que pudesse obter dignamente a absolvição e cumprir tudo quanto era requerido. A consequência foi desesperar da salvação, se a salvação tinha de ser obtida mediante a observância de tais normas. Ora sendo difícil poder apartar-me de uma religião a que desde o berço fora acostumado e que, pela fé, já tinha deitado em mim fundas raízes, comecei a pensar — foi isto à volta dos vinte e dois anos — que poderia talvez ser menos verdade o que se dizia de uma outra vida, e a ter incertezas sobre se a fé prestada a tais dogmas se casava bem com a razão, por isso que a mesma razão me ditava e de contínuo me metia pelos ouvidos dentro muitas coisas que fortemente contrariavam aqueles dogmas» (3).

Resolve, pois, mudar de religião, e volta para o judaísmo dos seus antepassados. Embarca clandestinamente para Amsterdão, cerca de 1616, e ali durante algum tempo frequenta as congregações judaicas. Mas o seu espírito não pode receber tudo quanto os rabinos apresentam como verdade. Em 1623 escreve um livro, intitulado *Exame das Tradições Farisaicas*, em que expõe as suas dúvidas a respeito da imortalidade da alma. Quando essa obra já estava confiada ao impressor, foi submetida à censura judaica, que impediu a sua publicação. Encarregou-se da refutação o médico Samuel da Silva, que no *Tratado da Imortalidade da Alma* se esforça por rebater os argumentos de Uriel da Costa.

Deste último livro dera notícia Mendes dos Remédios em 1911, e dele publicara o prefácio, do qual salientamos o seguinte trecho: «Diz [Uriel da Costa] que a alma do homem é mortal e corruptível, e que acaba juntamente com o corpo assim como as almas dos cavalos e dos mulos em quem não há entendimento» (4).

Mais tarde, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos teve em suas mãos um dos raríssimos exem-

plares ainda existentes, e dele copiou os textos de Uriel que são apresentados como corpo de delicto. Vêm esses textos publicados na bem documentada obra que aquela douta escritora dedicou ao nosso continente (5).

Na impossibilidade de os transcrever na íntegra, reproduzimos a seguir alguns parágrafos que nos mostram como Uriel da Costa estava de acordo com o ensino bíblico acerca do estado do homem na morte:

A alma não existe independente do corpo

«Não há outra diferença entre a alma do bruto e a do homem que ser a do homem racional e a do bruto carecer de razão. No demais — nascer, viver e morrer — por tudo são iguais, como diz Salomão: 'Não tem o homem vantagem do animal na duração, porque tudo [é] vaidade'» (págs. 129, 130).

«Os que dizem que as almas são entes apartados do corpo, os quais Deus criou por junto, e tem postos como em celeiro, donde os manda meter nos ventres das prenhes, não merecem ser ouvidos. E são estes os sonhados desatinos da antiga, vã gentildade, indignos de toda a resposta, e que ainda agora a seguem os Fariseus». (pág. 131).

A alma morre com o corpo

«Segue-se perguntar se a alma do homem é mortal, ou, pelo contrário, imortal. E respondemos que do que precede se fica colhendo a resposta, e ser a dita alma mortal. ...

«Primeiro se prova: porque não consta da Lei qua alma do homem seja imortal. ...

«Segundo se prova, porque Deus disse ao homem: 'No dia em que comeres dela, morrerás'. Logo o homem foi criado mortal e sujeito a morrer. Doutra maneira, se a sua condição fora imortal, essa imortalidade houvera de ter no corpo animado, espirituado com

o espírito que Deus lhe inspirou, mas não devia morrer.

«Outrossim lhe disse Deus: 'Pó [és] tu e em pó serás tornado', com que manifestou ao homem o seu fim, e lhe fez saber que, posto que criatura tão principal, seus dias teriam número e fim; e ao que dantes foi, a isso mesmo tornaria.

«Porque está escrito: 'Porventura aos mortos farás maravilhas? Se os que carecem de vida se levantaram, louvarão a Ti, porventura? Contar-se-á na sepultura Tua misericórdia? Tua verdade na perdição? Porventura será conhecida na escuridade Tua maravilha, e Tua justiça na terra do esquecimento?' Logo nega aos mortos poder louvar a Deus, e levantar-se para isso, porque naquella sua morada não há vida, nem há espírito na cova, terra de perdição, terra de escuridade e esquecimento, e só os vivos podem louvar a Deus; e não os mortos louvarão ao Senhor; nem todos os que descem ao silêncio». (págs. 131-133).

Passa Uriel a citar outros textos de Job e de David, finalmente concluindo: «Por tudo isto se mostra que morto o homem não fica coisa dele». (pág. 134).

Refutação das objecções

«Ao primeiro argumento que o homem não seria feito à imagem de Deus se não fosse imortal, respondemos que é doídice querer que o homem seja imagem de Deus em tudo e por tudo. Assim: porque Deus é omnipotente, nem por isso o homem, Sua imagem, é omnipotente. Doutra maneira se houvéssemos de considerar o homem imagem de Deus em tal força que seja retrato Seu, seria necessário que o

(3) Uriel da Costa, *Espelho da Vida Humana*, versão de A. Epiphanyo da Silva Dias, Lisboa 1901, pág. 18.

(4) Mendes dos Remédios, *Os Judeus Portugueses em Amsterdam*, Coimbra 1911, pág. 132.

(5) Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Uriel da Costa* — Notas relativas à sua vida e às suas obras, Coimbra, 1922, págs. 129-155.

homem fosse Deus; e Deus não pode fazer outro semelhante em tudo a Si mesmo; e a Sua maior grandeza é ser tal que Ele mesmo com todo o Seu poder não pode fazer outro Seu igual; porque implica ser Deus, e poder ser feito criado ou gerado. É pois o homem imagem e semelhança de Deus em alguma coisa. É uma sombra de Sua sabedoria, não é a mesma sabedoria. *Podestà* sobre as criaturas; e é quase semelhante a Deus, mas não *podestà* como Deus. Assim não é imagem de Deus na imortalidade, que essa é própria de Deus e não do homem. 'Porventura [são] como dias do homem os Teus dias? Teus anos como dias de verão?' Não pudera Job dizer isto se o espírito do homem fora imortal!» (págs. 137-138).

Outra objecção: «Samuel veio falar a Saul; logo os mortos vivem e falam.» «Respondemos que não veio Samuel falar a Saul, nem os mortos vivem ou falam. E o que se escreve acerca desta vinda ou fala, no primeiro livro que se intitula de Samuel, é tudo contrário à doutrina que se tira da lei, e lugares alegados, pelos quais se mostra que os mortos não vivem, nem sabem de alguma coisa, como aqueles que já não são. ... É de saber quem emprestou a Samuel aquella capa para se cobrir, quem lhe deu o corpo e aquelas barbas brancas que de poucos dias estavam metidas debaixo da terra, se ele quando saiu deste mundo foi nu com o seu espírito para o lugar em que estava. Também Samuel lhe disse que ao outro dia estaria com ele, e assim tão bom lugar terá Saul, de quem o Senhor Se apartou e Se fez inimigo, como aliás se diz, como tinha Samuel, mimoso Seu. Enfim, se há lições e alguma arte para enganar e mostrar corpos fantásticos, eu de tal arte não sei; e algum engano poderia acontecer fizesse a mulher malfetora a Saul; porém cuidar que a alma de Samuel, vestida em novo corpo e hábitos, lhe veio falar é mais que vaníssimo, doutrina falsa, gentilica, vã. E [que diz] Isaías? 'Pelos vivos se perguntará

aos mortos?' Como dizer: 'Mais vale, melhor é o vivo que o morto. Que bem pode fazer o morto ao vivo? Pois pelos vivos se há-de perguntar aos mortos?' E Salomão: 'Porque o cão vivo [é] melhor que o leão morto, porque os que vivem sabem que hão-de morrer, e os mortos não sabem coisa alguma; e não mais [têm] prêmio, porque ao esquecimento foi entregue a sua memória; também o amor deles, também o ódio deles, também a inveja deles já pereceu, e não [têm] parte mais para sempre em tudo o que se faz debaixo do Sol'. O morto acabou, não tem mais conta com o que se faz no Mundo, e tão pouca conta tem que, como diz Job, capítulo 14, nem de seus filhos sabe. Far-se-ão poderosos seus filhos, e não saberá; envelhecer-se-ão e não atentará a eles. Pois se o homem morto é este, se dormindo está seu sono de que não acordará, envergonhem-se os fabulosos que andam com os mortos às costas e nos querem persuadir que aparecem de novo aos vivos e lhes servem de conselheiros». (págs. 142, 143).

«Em que se põem os erros e males que procedem de se ter a alma do homem por imortal»

Em primeiro lugar é censurada a doutrina da reencarnação, como consequência directa da crença na imortalidade: «Como de um absurdo costumam nascer muitos absurdos, e de um erro muitos erros, são tantos os nascidos desta errada opinião ou loucura sobre a imortalidade da alma, que não será fácil manifestá-los. Os Fariseus que somente a certas almas deram imortalidade, bem-aventurança eterna e também males eternos, para não condenarem essas almas facilmente aos tormentos, disseram e dizem que quando acontecia fazer uma alma num corpo obras por onde merecia ser condenada, ou faltando-lhe para cumprir algum mandamento, a tornava Deus a mandar em segundo e terceiro corpo até que ganhe, como elles dizem, o pão que no Céu há-de co-

mer. Introduziram também um lugar de purgatório no qual pudessem purgar os seus defeitos as almas dos que foram medianamente bons, em tanto que para este fim as degreda Deus muitas vezes, e mete dentro dos animais (animais bacharéis devem ficar!) para que ali se purguem. E assim porque pode acontecer andar a alma de um homem dentro de uma vaca, quando se degolar aquella vaca, seja de maneira que sinta pouca pena. Que os animais se degolem com piedade, bom e direito é, mas não por esta coisa. E quando nenhum destes remédios basta e a alma foi tão má que merece ser condenada, a manda Deus aos tormentos eternos, onde para sempre viva penando, e nisto veio a parar e se lhe converteu a glória que esta alma possuía antes no Céu. ... Pergunte agora alguém a estes: quem foi o que tanto lhes disse, pois a lei lho não disse, ou em que fundam seus ditos? Pintores falsos, novos censors da justiça divina, maravilhosos na vista do povo, que com admiração os ouve». (págs. 152, 15v).

«Após os erros acima [referidos] seguem outros, como são: fazerem orações e rogativas pelos mortos, oferecer por eles ofertas para os ajudar a tirar mais cedo das penas do fingido purgatório: mil abusos e superstições que se usam em seus enterros. Coisas todas que muito ofendem a verdadeira lei e culto divino, que de tais nugas se não serve nem paga, antes a rejeita e abomina». (pág. 153).

Consequências desta doutrina na vida de Uriel da Costa

«Depois que, por amor da verdade, obrigado do temor de Deus, me dispus a desprezar e vencer o temor dos homens, posta somente n'Ele minha confiança, em tudo se trocou e mudou minha sorte, porque alumiou Deus meu entendimento, tirando-me de duvidar das coisas que me afligiam e pondo-me no caminho da verdade com firmeza, e todos os meus bens pu-

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Nossa Obra na Grécia

Nos meados de Maio, M. V. Campbell, presidente da Divisão Sul-Europeia, e eu visitámos o reino da Grécia, que tem uma população de aproximadamente oito milhões. Visitámos cada uma das nossas cinco igrejas e a maior parte dos nossos 220 membros, vinte dos quais foram acrescentados à igreja em 1955.

laram e cresceram à vista dos homens, e a minha saúde foi guardada com tão particular e notória assistência divina, que os que menos queiram serão constrangidos e obrigados a assim o confessar. Vivo pois contente de conhecer o meu fim, e saber as condições da lei que Deus me deu para guardar; não fabrico torres no vento, alegrando-me ou enganando-me vãmente com esperanças falsas de sonhados bens. Também me não entristeço nem perturbo com pavor de maiores males». (pág. 154).

★

Longo seria descrever as torturas por que teve de passar Uriel da Costa como resultado do seu inconformismo perante a doutrina oficial da Sinagoga. Segundo ele mesmo confessa, padeceu «coisas inacreditáveis» (6).

Depois de uma vida amargurada pela incompreensão dos seus contemporâneos, é de lastimar que, tendo compreendido tão claramente que a consciência termina com a morte, não tenha com igual clareza recebido a verdade da ressurreição.

Aquele triste dia de 1640 em que exalou o seu último suspiro, em vez de carregado de nuvens sombrias, teria sido iluminado pelo róseo clarão de uma bem-aventurada esperança.

(6) Uriel da Costa, *Espelho da Vida Humana*, pág. 17.

No sábado, 12 de Maio, tivemos um serviço de ordenação na bela igreja adventista de Atenas, no qual N. Poulos, secretário-tesoureiro da Missão Grega e pastor da igreja do Pireu, e D. A. Christoforides, pastor da igreja de Tessalónica, foram ordenados para o ministério evangélico. Até agora, o único ministro ordenado no campo era o presidente, C. A. Christoforides.

N. Germanis e esposa chegaram à Grécia, idos da Califórnia,

Corinto, Katerine (perto do Olimpo, que os antigos gregos pensavam ser a morada dos deuses), Bereia, onde os crentes eram «mais nobres», e Tessalónica. Em cada um destes lugares, excepto em Corinto, temos uma igreja.

Opondo-se fortemente ao nosso trabalho a igreja do Estado (a grega ortodoxa); dirigindo-se a um povo conservador, satisfeito com a sua religião; e num país que tem passado por muitas guerras, tanto civis como estrangeiras,



Igreja Adventista de Tessalónica

em meados de 1955. Durante o ano passado dedicaram-se ao estudo da língua grega e fizeram bom progresso. Com a nova distribuição de obreiros, o Ir. Germanis será em breve pastor da igreja do Pireu, ao passo que o Pastor Poulos se deslocará para Tessalónica.

Foi para mim inspirador poder seguir nas pisadas do apóstolo Paulo e visitar Atenas, Pireu,

— a nossa obra tem progredido lentamente na Grécia. O povo orgulha-se da sua história e cultura, das mais antigas do Mundo, com o seu ponto culminante no quinto século antes de Cristo.

Hoje há rigorosas leis contra a propaganda pública de qualquer ensino religioso que não seja o da igreja oficial. Tudo isto torna a disseminação da nossa mensagem extraordinariamente difícil. Mas

dentro da nossa igreja há liberdade, e foi com a maior alegria que pregámos ao nosso povo e aos seus amigos.

Foi na realidade um prazer passar uma semana com os nossos obreiros e outros crentes da Grécia, ordenar mais dois ministros, e planejar com C. A. Christofrides e seu conselho em vista de um maior evangelismo e da edificação da causa neste antigo berço da cultura. — J. C. Thompson.

Os adventistas e os exames em dia de Sábado, no Brasil

O *Manual do Secretário da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, 1955*, editado pelo Ministério da Educação e Cultura, do Brasil, na página 69, diz:

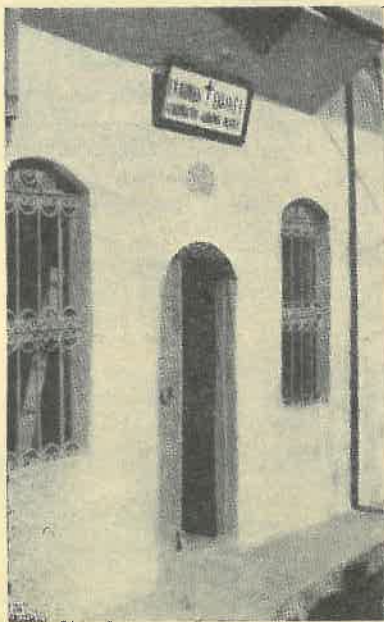
«A legislação não cogitou dos casos de consciência à semelhança dos que ocorrem com os chamados 'adventistas do sétimo dia' e israelitas que não comparecem às provas realizadas nos Sábados. A Directoria do Ensino Secundário tem recomendado em tais casos a inclusão do aluno nas turmas da mesma disciplina que realizam provas em outros dias. Caso não existam outras turmas, pode conceder-se a segunda chamada, mediante declaração da autoridade religiosa comprovando o impedimento de consciência.»

Não se trata aqui de uma lei, mas de um grande favor da parte do Sr. Ministro da Educação e Cultura e Director do Ensino Secundário. — D. Peixoto da Silva.

Giovani Papini e a Segunda Vinda de Cristo

Em 8 de Julho faleceu em Florença o conhecido escritor italiano Giovani Papini. Autor de numerosas obras, foi sem dúvida a *História de Cristo* o livro que mais conhecido e admirado o tornou em todo o Mundo, a ponto de se encontrar traduzida em cerca de 30 línguas. O capítulo intitulado «Pa-

rusia» encerra alguns pensamentos que são dignos de ser meditados. Por exemplo: «Se as palavras da segunda profecia de Jesus são verdadeiras como verdadeiras se revelaram as palavras da primeira, a Parusia (segunda vinda de Je-



Igreja Adventista de Bereia

sus) não pode estar distante. Mais uma vez nos últimos anos, as nações se ergueram contra as nações, a terra tremeu massacrando vidas, e as pestes, as fomes e as revoltas dizimaram os povos. As palavras de Cristo, há um século que estão traduzidas e são pregadas em todas as línguas. ... Mas os homens não recordam Jesus e a Sua promessa. Vivem como se o Mundo devesse durar sempre como até aqui, e não se preocupam senão com os seus interesses terrestres e carnais. 'Porque — diz Jesus — como antes do dilúvio todos comiam e bebiam e casavam e se davam em casamento até ao dia em que Noé entrou na arca, e ninguém compreendeu enquanto não veio o dilúvio e arrastou todos, assim será também na vinda do Filho do homem... Também assim sucedeu no tempo de Lot: todos comiam e bebiam, compravam e vendiam, plantavam e edificavam; mas no dia em que Lot

saiu de Sodoma caiu do Céu uma chuva de fogo e de enxofre que os consumiu a todos. O mesmo sucederá no dia em que o Filho do homem Se manifestar'.

«É o que sucede em nossos dias, a despeito das guerras e das pestes que ceifaram milhões de vidas em poucos anos. Todos comem e bebem, casam e fabricam, compram e vendem, escrevem e gozam. E ninguém pensa no divino ladrão que aparecerá de noite, inesperadamente, ninguém espera o verdadeiro amo que regressará de improviso, ninguém perscruta o Céu para ver se o relâmpago fuzila do oriente ao poente.»

Escola com renda própria

Com este título apareceu nas «Seleções» de Julho de 1956 um interessante artigo descrevendo como os 600 alunos de um Colégio Adventista dos Estados Unidos (Southern Missionary College) podem fazer face às suas despesas enquanto estudam.

«Quando lhe perguntam se o trabalho não prejudica os estudos, o Director Kenneth Wright responde:

«— Absolutamente. O trabalho regular desenvolve um senso de responsabilidade individual que se revela nas aulas. Temos verificado constantemente que os estudantes que trabalham são quase sempre os melhores nos estudos.

«Wright apressa-se em acentuar que os estudos têm precedência sobre o trabalho.

«— O programa de trabalho é sempre subordinado ao programa escolar — diz ele.»

Filme adventista sobre o tabaco e o cancro

Em 25 de Julho alguns jornais portugueses publicaram a seguinte notícia: «A Sociedade Britânica de Temperança (adventista) editou um livro do Dr. Alton Ochsner, de nacionalidade norte-americana, chamando a atenção para o grave papel que o fumo pode representar no cancro do pul-

mão e nas doenças gastro-vasculares.

«O dr. Ochsner, antigo presidente da Sociedade Americana do Cancro, afirma no seu livro que todos os sintomas da doença do rei Jorge VI eram conhecidos dos especialistas. Numa das passagens do livro escreve: 'O rei Jorge VI foi vencido tanto pela doença vascular aguda como por uma crise de cancro do pulmão. Os cigarros desempenharam uma tarefa mortal em ambas as doenças. Parte da intervenção cirúrgica efectuada no rei foi uma tentativa de controlar o alastramento deste estado. Devo acrescentar que foi relativamente benéfica'. E continua: 'O rei fora avisado com frequência, como acontece com todos os doentes, para deixar de fumar. Mas não foi possível convencê-lo a abandonar os seus cigarros'.

«O livro foi apresentado numa conferência de Imprensa. Os jornalistas presentes assistiram à passagem de um filme colorido americano (o filme 'One in 20.000', preparado pelos adventistas), que relatava a história de um editor americano, grande fumador de cigarros, desde o tempo em que lhe foi diagnosticado um cancro do pulmão, até ao teatro da operação. Um jornalista desmaiou quando assistia à passagem da cena da remoção do pulmão. A projecção foi interrompida enquanto os médicos o assistiam.

«A assistência ficou literalmente horrorizada com as cenas do filme. Depois o Dr. Horace Joles, director do Hospital de Londres, disse num pequeno discurso que, dentro dos próximos dez anos, morreriam 100.000 pessoas, na Grã-Bretanha, de cancro do pulmão, e que antes do fim do século a totalidade de vítimas seria de um milhão.

O Dr. Joles acusou o Governo de estar mais interessado nas finanças do que na saúde do povo. A terminar declarou: 'Nunca nenhuma nação enfrentou uma tal epidemia, e a complacência com ela é criminosa.'» (R.).

Assine a Revista Adventista

TÊM A PALAVRA

OS NOSSOS COLPORTORES

Numa viagem que fazia por mar, estava eu sentado sozinho no convés lendo a Bíblia, quando dois viajantes, que sabiam que tanto eu como os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia não bebemos bebidas alcoólicas, vieram para me persuadir a que bebesse.

Numa voz muito amiga, mas sagaz como a de Lúcifer junto da árvore da ciência do bem e do mal, fui convidado para tomar um copo de vinho.

— Agradeço-lhes, mas não tomo bebidas alcoólicas.

— Venha, não lhe fará mal algum.

Baseando-me em Prov. 20:1, e 23:29-35, respondi-lhe que o vinho é escarnecedor, e a bebida forte alvoroçadora, e todo aquele que neles errar nunca será sábio.

— Mas venha, não queremos embebedá-lo, e um copo não faz mal nenhum.

COMO PREPARAR VINHO SEM ÁLCOOL

Obter boas uvas. É preferível a uva pequena própria para vinho. Separar os bagos e pô-los numa vasilha esmaltada, até começarem a ferver. Coar através de um pano áspero. Ferver depois o sumo durante quinze minutos. Antes de começar a ferver, tirar toda a borra que se apresenta à superfície. Em plena fervura, deitar em garrafas fortes, que se limpam cuidadosamente e estão quentes, de sorte que possam receber o vinho quente sem estalarem. Encher até cerca de um centímetro da rolha, e rolar com rollhas bem sólidas. Cortar rentes as rollhas e cobri-las com lacre. Colocar então as garrafas em lugar escuro e não mexer nelas desnecessariamente.

Continuei citando a Bíblia, segundo a qual «no fim morderá como a cobra e como o basilisco picará». E terminei dizendo que não quero brincar com basiliscos.

— Ora, meu amigo, deixe-se dessas coisas. Venha beber um copinho do melhor, aproveite esta oportunidade.

— Está escrito: «Se os pecadores com blandícias te quiserem tentar, não consintas.»

Foi então um golpe e uma derrota para o diabo, que desta maneira tão infantil me queria levar manhosamente a fazer a sua vontade.

Finalmente, voltando para junto dos seus companheiros, um deles disse: «O homem está tão cheio da Bíblia que nada se pode fazer com ele.»

Prouvera a Deus que assim fosse; que tanto eu como os meus prezados irmãos em Jesus estivessemos cheios de grandes porções da nossa amada Bíblia, de maneira a podermos derrotar o tentador com esta espada da verdade.

São estes os meus votos, ao terminar a narração desta simples experiência.

Isaías da Silva

Colporteur Evangelista

EMISSÕES EM ANGOLA

A Mensagem Adventista, é, todas as semanas, irradiada através da EMISORA DE BENGUELA, nas segundas feiras, às 20,30 horas, nas bandas dos 31 e 60 metros, em onda curta

Progresso do Trabalho Adventista em Cabo Verde

por F. CORDAS

Para reunir e evitar repetir o que já algumas vezes foi dito, começarei estas considerações no ano de 1953, e depois do regresso das nossas férias regulamentares na Metrópole.

Voltando em Outubro às nossas actividades, na Ilha e Igreja de S. Vicente, o resto do ano passou-se rapidamente, mas sem que evitemos uma viagem às Ilhas de Fogo e Brava, sempre as mais difíceis de visitar pela falta de transportes.

Neste ano reconstruiu-se a Igreja da Brava e baptizaram-se 25 pessoas.

Em 1954 mobilámos a Missão de S. Vicente e Fogo, comprámos a carrinha para a Praia e uma moto para o Fogo, conseguimos alvará para as Escolas da Praia, S. Vicente e Brava e fizemos 26 baptismos. A Missão é visitada pelo Presidente da União Portuguesa, que visita todas as Igrejas.

Em 1955 mobilámos a Escola de S. Vicente, abrimos a Escola de Fogo, com a respectiva autorização oficial, adquirimos material de projecção, passámos a ter colporteur evangelista privativo, visitámos a Guiné, que é agregada a esta Missão de Cabo Verde, alugámos lá uma casa, requeremos autorização de abertura da Missão e entrada de missionário, mas somos infelizes; não obstante, embora à custa de despesas extraordinárias, conseguimos mandar o Irmão Gregório Rosa e Família. Na sua breve estadia de 5 meses conseguiu lançar os fundamentos da futura Missão, e numa região onde o inquérito feito pelas autoridades não descobriu nenhum indivíduo do culto Adventista, encontram-se agora grupos de mais de 30 pessoas a pedirem um missionário e escola. Já enviamos às centenas de escudos e as ofertas da Escola Sabatina ultrapassam as de algumas Igrejas desta Missão. Temos fé que em breve possamos agradecer ao Senhor

mais uma porta aberta à pregação do Evangelho.

É também neste ano que após uma luta titânica conseguimos comprar o edifício para a Sede da Missão, em S. Vicente. Para esta importante aquisição, penhoradamente agradecemos ao Irmão Presidente da União Portuguesa o valioso auxílio dispendido dos fundos da União, como também a sua intercepção junto da Divisão, e ao Irmão Presidente da Divisão Sul-europeia, em nome da Missão e da Igreja de S. Vicente, um sincero e afectuoso «thank you».

O ano fechou com 39 almas que se entregaram ao Senhor.

Fizemos as primeiras experiências com um curso secundário em S. Vicente, tivemos poucos alunos mas notámos que podíamos continuar se as perspectivas forem favoráveis.

Diremos mais que nas Escolas foram criados Centros da Mocidade Portuguesa, cujas actividades foram transferidas dos Sábados para as quintas-feiras, sendo-nos confiada a instrução moral e cívica, ficando somente a educação pré-militar a cargo de monitores nomeados pelas entidades competentes, aos quais remuneramos.

O corrente ano está bem na memória de todos, o primeiro e parte do segundo trimestre foram passados em campanhas evangelísticas e os resultados em baptismos só parcialmente aparecem neste semestre.

A principal actividade desta Missão, aliada à pregação do Evangelho é o ramo da Educação. Nas Escolas já mencionadas de: Fogo, Brava, Praia e Mindelo, havia neste ano lectivo 148 alunos matriculados, repartidos pelas classes: 1.^a — 76; 2.^a — 14; 3.^a — 30; 4.^a — 18; admissão 11.

Devemos acrescentar que algumas escolas funcionam sem material e nas mais precárias condi-

ções, que produziriam melhores resultados se as pudéssemos apetrechar com melhor material didáctico e salas competentes. Nos poucos anos do funcionamento de algumas escolas é ainda cedo para dizermos dos resultados em almas ganhas com as Escolas, mas podemos dizer que a frequência dos alunos à Escola Sabatina é mais do que média e todos os dias a lição é estudada com os alunos.

Em escolas como a do Fogo há uma frequência de mais de 50 % de alunos de famílias adventistas, mas outras são frequentadas por alunos de famílias católicas e evangélicas, que regularmente mandam os filhos ao culto de Sábado.

A título de informação damos uma estatística do aproveitamento durante os seguintes anos:

| | Escolas | Alunos | Pas. de Cl. | Exames | Aluno Bap. |
|-------|---------|--------|-------------|--------|------------|
| 1953: | 2 | 77 | 31 | 13 | 8 |
| 1954: | 2 | 75 | 37 | 21 | 1 |
| 1955: | 3 | 101 | 21 | 25 | 3 |
| 1956: | 4 | 148 | 41 | — | 3 |

Até esta data só tivemos três reprovações.

Para terminar, darei somente um gráfico das receitas por anos e os respectivos membros, nos meses:

| | Receitas | Membros |
|---------------|------------|---------|
| 1953: | 46.747\$40 | 214 |
| 1954: | 58.141\$25 | 232 |
| 1955: | 68.972\$40 | 250 |
| 1956: 6 meses | 43.411\$80 | 260 |

São estas, Prezados Irmãos que nos visitam, algumas das actividades desta Missão nos últimos anos, mas gostaríamos que conhecessem também as nossas necessidades.

Cabo Verde é uma Província de baixo nível social, afectado ainda por periódicas secas, que desmoralizam a população.

A dispersão por ilhas torna o trabalho mais difícil e dispendioso, de maneira que o generoso orçamento que nos é concedido, é regateado, espremido e até ao momento ainda se não conseguiu que sobejasse qualquer coisa.

No Fogo temos membros que andam mais duma dezena de quilómetros para irem à Igreja, embora tenham sido favorecidos com

pequenas salas nos pontos mais estratégicos da ilha. Não temos uma Igreja capaz, as salas são inadequadas e insignificantes. A Escola funciona numa pequena sala alugada onde o professor consegue amontoar os alunos.

Embora a boa colaboração dos membros da Igreja, a dispersão dos grupos de crentes e o acidentado dos caminhos torna por vezes quase impossível a assistência do missionário. É imperioso que se estudem e adoptem os métodos usados noutros campos semelhantes.

Na Praia, temos um imenso casarão, gastámos mais de 50 contos e tudo ficou velho, estamos a pagar uma renda de 1.400\$00 e com o perigo de ruínas. A boa sala é quase inacessível a certas pessoas e é assunto de primeira necessidade que se providencie uma capella modesta com alguns compartimentos anexos onde possa funcionar a Escola.

Temos uma ilha, a maior de Cabo Verde, fanáticamente católica, que continua sendo um desafio para nós. Os métodos usados até agora, mesmo com o carro, continuam sendo infrutíferos. Estou certo que os Irmãos visitantes terão uma visão clara para a espécie de trabalho que deve ser feito.

A pequena ilha de Brava, berço da Missão, continua sempre com o problema da emigração e tem também o trágico problema das apostasias, para o qual não conseguimos ainda encontrar remédio. O seu actual problema é dum transporte para se poder prestar uma melhor assistência aos membros dispersos e fazer mais dum culto ao Sábado.

A Igreja mais nova é a de Mindelo. Ali quase tudo se resume à cidade, mas estou certo que é sem dúvida o campo mais duro, de momento. A influência ainda existente das Igrejas Evangélicas é actualmente uma barreira que encontramos, aliada a toda a paixão que Satanás conseguiu até agora inventar, como o cinema, etc., que ali há em abundância.

S. Nicolau está-nos a sorrir, temos lá membros da Igreja e até aqui não tem havido qualquer Igreja Protestante

“Sim, mas...”

(Examine-se a si próprio, e veja se tem este defeito de carácter).

— Sim, concordo que Carlos canta muito bem, mas já reparou que é difícil compreender-lhe as palavras? Precisa de enunciar com mais clareza. E Júlia sacode virtuosamente a cabeça, porque não há dúvida de que elogiou Carlos antes de o criticar. E, no fim de contas, não será de proveito a crítica construtiva?

— Sim, Maria é uma esplêndida dona de casa, mas acha que tem a casa arranjada com gosto? Limpa está ela, mas não tem nada de interessante. E, tendo feito a sua solene declaração, Marta sorve, graciosamente, a sua laranjada.

— Sim, o Pastor X é um interessante orador, mas não nota que os seus sermões não são moldados com lógica? E Jorge, um estudan-

te de teologia, julga-se extremamente sábio ao lançar esta gema na conversação.

— Sim, é certo que o sr. Activo é um homem devotado ao trabalho da igreja e com muitos encargos, mas acha-o assim particularmente talentoso? E depois de ter espetado esta farpa, o sr. Inactivo ajeita-se, confortavelmente, no sofá.

Estas são umas escassas expressões do tipo «Sim, mas», apontadas ao acaso. O cristão médio raramente se deixa cair em peso sobre alguém. A sua consciência não lho permitiria. Mas este diluído, indiferente e desmaiado louvor é, em última análise, um «beijo da morte».

Tenho-me entretido a fazer experiências, servindo eu mesma de cobaia. Estou procurando saber quantas expressões sinceras de apreciação posso proferir sem me agarrar àquele desagradável e aniquilante «mas». Vendo bem, o elogio indiferente que precede a odiosa conjunção, não passa de um unguento para a consciência. O que nós dizemos, com efeito, é que, depois de cumprida a formalidade cortês de elogiar, podemos ocuparmos do objectivo que temos em vista — despedaçar. Porque essa é a nossa verdadeira intenção, por mais bem disfarçada que esteja.

Indo um pouco mais longe, temos de concluir que é algo doloroso para o nosso egoísmo darmos aos outros os aplausos que merecem. O «sim, mas» é o velho homem que não quer ser posto em sujeição. E quão ingrata é tal atitude! Vivemos num mundo imenso, grande bastante para conter toda a gente com os seus talentos. A obra do Senhor precisa de todos esses talentos.

Por isso, no próximo elogio que fizerdes, não o anuleis com um «mas». Vós quereis que os outros apreciem os vossos talentos e as vossas obras sem referências depreciadoras, não é verdade?

Santo Antão está a 9 milhas e nada lá fizemos. Em tempos houve um grupo, alunos da Voz da Profecia, da América, que escreveram para a Brava pedindo um Pastor. Não puderam ser atendidos e tudo se dispersou ou foram absorvidos pela Igreja Evangélica, embora alguns ainda digam que os Adventistas têm a Verdade, mas vão àquela porque não têm outra.

Depois desta longa exposição, temos somente a agradecer aos Prezados Irmãos: Presidente da Divisão Sul-Europeia, que tão gentilmente atendeu ao nosso convite para nos visitar e conhecer o ambiente em que trabalhamos, ao Irmão Presidente da União Portuguesa a sua sempre espontânea vontade em procurar resolver os problemas de Cabo Verde, aos Prezados colaboradores que têm lutado connosco contra todas as adversidades e obstáculos, e aos delegados de Fogo e Brava e demais Irmãos, toda a sua colaboração nas actividades dos Departamentos das Igrejas e na evangelização dos que não conhecem a bendida esperança da Vinda do Senhor.

Trabalhemos e oremos pela Missão de Cabo Verde e Guiné.

Anne Observer

Página da

Juventude

Dr.^a Maria Leonor Cabral Sacadura

Depois de ter obtido elevadas classificações durante anos consecutivos, acaba de terminar o seu Curso de Medicina, em Lisboa, a Ir. Doutora Maria Leonor Cabral Sacadura.

Foi notável o exemplo que ela sempre deu aos outros jovens estudantes com a sua constante preocupação de não transgredir o



de progresso e de serviço possam ter plena realização.

A Mocidade Portuguesa em Cabo Verde e a Observância do Sábado

Em Cabo Verde foi, em 1954, determinado que a instrução da Mocidade Portuguesa tivesse lugar nos Sábados em todas as escolas, o que criou um grave problema para os nossos estudantes.

O presidente da Missão, Pastor F. Cordas, dirigiu nessa altura uma exposição sobre o assunto a Sua Excelência o Governador Civil, que respondeu com a Portaria n.º 4.801, publicada no Boletim Oficial daquela Província Ultramarina, em 25 de Julho de 1955, cujo teor publicamos em seguida:

«Tendo em consideração o exposto pela Missão Caboverdeana da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, sobre o dia destinado às actividades da Mocidade Portuguesa;

«Sob proposta do Commissariado Provincial da Mocidade Portuguesa;

«No uso da competência atribuída pelo artigo 155 da Consti-

«Precisamos, no momento actual, de homens espirituais na causa de Deus, homens que sejam firmes nos princípios e tenham compreensão clara da verdade.» — *Test. Sel.*, Vol. III, p. 272.

tuição, o Governador de Cabo Verde manda:

«Artigo único. Ao artigo 1.º da Portaria n.º 4.676, de 18 de Dezembro de 1954, são aditados os seguintes parágrafos:

«§ 1.º. Fica o Commissariado Provincial da M. P. autorizado a destinar outro qualquer dia da semana para o funcionamento das actividades da M. P.;

«§ 2.º. O centro escolar a que seja permitido alterar o dia fixado no corpo do artigo fica responsável pelo pagamento de todas as despesas que advierem da instrução pré-militar;

«§ 3.º. O recrutamento dos instrutores será feito por intermédio da Delegação Regional da Ala onde estiver instalado o centro;

«§ 4.º. A instrução será ministrada em conformidade com as normas estabelecidas para os restantes centros.

«Cumpra-se.

«Residência do Governo de Cabo Verde, 25 de Junho de 1955.

O Governador,

(a) *Manuel Marques de Abrantes Amaral.*»

Em 21 de Novembro do mesmo ano, o sr. Administrador do Concelho do Mindelo enviou ao Pastor F. Cordas o seguinte officio:

«Para os devidos efeitos transcrevo a V. Ex.^a o texto da nota n.º 129 recebida do Commissariado Provincial da Mocidade Portuguesa, na Praia.

«Para conhecimento de V. Ex.^a e devidos efeitos, comunico que



Dr.^a Maria Leonor Cabral Sacadura

mandamento do Sábado, quer durante as aulas quer nas provas dos exames. Por vezes teve de enfrentar problemas aparentemente insolúveis, mas o Senhor ajudou-a a resolvê-los, como resposta à oração e à firme determinação de se manter fiel, ainda que tivesse de perder algum ano, o que felizmente nunca foi necessário.

Com as nossas felicitações, que se estendem à sua Mãe, nossa irmã na fé D. Ofélia Fernandes, fazemos votos para que os seus ideais

NOTÍCIAS DO CAMPO

PASTOR M. V. CAMPBELL — No dia 16 de Julho chegou a Lisboa o presidente da Divisão Sul-Europeia, Pastor M. V. Campbell. A igreja da rua Joaquim Bonifácio teve o privilégio de ouvir a sua mensagem na terça-feira, dia 17. A 19 partiu, com o Pastor E. Ferreira, para Cabo Verde, de visita às igrejas de S. Vicente e Praia, tendo ambos regressado no dia 31. Depois de ter assistido a parte de uma convenção de obreiros que se reuniu em Lisboa, partiu o Pastor Campbell para Madrid em 3 de Agosto.

por meu despacho de 3 do corrente deferi um requerimento que me foi dirigido pelo Director da Missão Caboverdeana da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, pedindo autorização para que a instrução pré-militar dos alunos das escolas daquela Missão tenha lugar nas tardes de quintas-feiras'.

«A Bem da Nação.

O Delegado Regional

(a) *Dr. Júlio M. Monteiro Júnior*
Administrador do Concelho.»

O Sábado e os exames liceais na Metrópole

Os alunos que, na época de Julho, prestaram provas quer escritas quer orais nos Liceus, quando tais provas ocorreriam em Sábado foram dispensados, mediante requerimentos a Sua Excelência o Ministro da Educação, do pagamento da multa; puderam portanto fazer os seus exames, marcados para Sábado, noutro dia da semana, sem multa.

As autoridades que tão amavelmente nos ajudaram a resolver o problema do Sábado, tanto em Cabo Verde como na Metrópole, testemunhamos a nossa mais profunda gratidão.

PASTOR R. A. ANDERSON — A fim de dirigir a convenção de obreiros, que se realizou em Lisboa de 1 a 4 de Agosto, chegou à capital no dia 31 de Julho o Pastor R. A. Anderson, secretário da Associação Ministerial da Conferência Geral. As suas instruções, cheias de sabedoria e entusiasmo, ficaram bem gravadas no espírito de todos quantos as escutaram. Em especial, ficarão por largo tempo gravadas na mente de muitos as suas mensagens de Sábado. Partiu para Espanha no dia 5.

PASTOR SAMUEL DOS REIS — Acompanhado de sua Esposa e Filhas, chegou a Lisboa, em 26 de Julho, o Pastor Samuel dos Reis, que até aqui tem sido director da Missão dos Açores. Fica agora sendo o secretário do Departamento dos M. V. da União e pastor da Igreja do Barreiro.

PROF. JOSÉ AUGUSTO DA SILVA JÚNIOR — Chegado de S. Tomé, desembarcou em Lisboa, no dia 17 de Julho, o Ir. José Augusto da Silva Júnior, director da escola adventista daquela Missão. Vinha acompanhado de sua Esposa e Filha. Que estas merecidas férias contribuam para refazer as suas abaladas forças, antes de regressarem ao seu campo de trabalho.

PASTOR J. J. AITKEN — Em 22 de Agosto chegou o Pastor J. J. Aitken, secretário do Departamento dos M. V. da Divisão Sul-Europeia. Vinha com sua Esposa, e esteve com os nossos jovens em Tomar até ao dia 26, data em que regressou à Suíça.

UNIÃO PORTUGUESA

Coimbra

A esbelta Coimbra dos poetas, doutores e estudantes, debruçada preguiçosamente sobre o encantador Mondego, vive descuidada, sonhadora e confiante sentada na sua cátedra de saber humano — o único que lhe parece interessar.

Os desportos, os fados, o Choupal e a Rainha Santa — eis tudo quanto julga suficiente para a sua felicidade terrena e eterna. Rebelde ao Evangelho de Jesus Cristo, não se importa com os convites que lhe são dirigidos, quer de viva voz quer impressos. Deste

modo, o nosso esforço é como alguém que clama no deserto e o resultado é pouco mais do que nulo. Contudo, compreendemos que neste difficilimo campo devemos empregar o máximo das nossas forças e talentos, em vista de Jesus nos ter dado o exemplo no passado.

Precisamos de cultivar cada vez mais a ousadia e confiança, «porque onde o pecado abunda, superabunda a graça».

As impenitentes cidades de Sodoma e de Gomorra eram as mais vis e desobedientes do seu tempo, e o Senhor não fez pelas outras o que fez por estas. Depois de Lot fazer tudo ao seu alcance, Jeová, bondoso e clemente, «não querendo que alguns se percam mas que todos se arrependam para a salvação», mandou-lhe por fim os seus anjos com o último convite de misericórdia. Hoje, do mesmo modo, Ele aprecia tanto meia dúzia de almas arrancadas aos campos difíceis, como as dezenas de outras em melhores condições de vida espiritual, e esta certeza nos anima e não nos deixa cair no desfalecimento em que o inimigo tanto procura lançar-nos.

O nosso trabalho estende-se por uma grande parte deste distrito e de extremo a extremo é dispendioso e extenuante. Para o realizarmos temos de percorrer mensalmente cerca de 1.600 quilómetros.

Temos reuniões regulares em Coimbra, Figueira da Foz, Serra da Boa Viagem, Alhadas, Carvalhal, Maiorca, Lousã, Rio de Vide, Oliveira do Hospital e Ervedal da Beira, e visitas periódicas aos irmãos de Arganil e Penacova. O demónio, não contente com prender as almas às trevas da superstição, indiferença, preconceitos e fanatismo, não quer nem ouvir a voz do Evangelho e, assim, procurou impedir-nos o trabalho em Arganil; e na Lousã fez com que fossem atuados dois senhorios que nos alugaram casa em algumas centenas de escudos. O proprietário da nossa casa em Maiorca foi também ameaçado na secretaria da Câmara e pelo chefe da polícia, mas, como não se deixou amedrontar, lá continuámos com liberdade. Em Ervedal, o regedor por duas vezes nos impediu a reunião, mas depois de várias «démarches», em especial perante o

sr. Governador Civil, de novo ali temos liberdade também.

De todo este trabalho e dificuldades, apenas conseguimos este ano cinco almas, que no pretérito mês de Julho quiseram sepultar-se para o pecado e nascer de novo para Deus. Outras tantas seguiram os seus passos na classe baptismal, guardam já o Sábado, algumas até já dão os dízimos, mas não suportaram ainda as águas purificadoras pela presença do Espírito Santo. Esperamos no entanto que estas e outras de contacto mais recente se entreguem ao Senhor e algumas ainda este ano.

Os membros da igreja, embora poucos, são bons, são animados e são muito fiéis.

A todos que nos lerm suplicas-mos as suas orações para que Deus abençoe grandemente este distrito e traga as almas sinceras à Igreja.

Coimbra encantadora, confiante
Em sua sábia cátedra de grandeza,
É cada dia mais e mais distante
D'Aquele que ao Mundo deu toda
[a beleza.

O nosso esforço enorme de gigante
Parece ter caído em fraqueza
Perante esta Sodoma degradante
Que nos abafa a voz e nos des-
[preza.

Jesus, o Salvador, não O quer o
[povo;
Anseia, como os gregos, algo novo,
Lançando ao desprezo o Evan-
[lho...

Mas nós, que Coimbra amamos,
[com ardor
P'ra ela rogaremos o favor
De Quem de tudo e todos é mais
[velho.

Marcelino Matos Viegas

Cabo Verde

Foi com grande prazer que tive o privilégio de acompanhar o Pastor M. V. Campbell, na sua visita a Cabo Verde, tanto mais que era a primeira vez que um dirigente da Divisão se deslocava àquele interessante e necessitado campo.

Partidos, de avião, a 19 de Julho, nesse mesmo dia chegávamos a S. Vicente, onde fomos recebidos pelo Pastor F. Cordas, que há sete anos está dirigindo a Missão de Cabo Verde.

Possuimos agora na cidade uma casa bem localizada, a que podemos chamar nossa, pois acaba de ser adquirida pelo Movimento. No mesmo edificio temos a sala de culto, a escola primária e habitação do obreiro.

Todos os dias foram feitas reuniões, com numerosa assistência de membros e amigos.

No dia 6 partimos para a Praia, onde até ao fim da semana houve, de manhã e de tarde, reuniões destinadas a obreiros e alguns delegados da Brava e do Fogo, e à noite reuniões públicas. Além do Pastor Cordas, estiveram presentes os outros obreiros da Missão — Irs. Gregório Rosa, João de Mendonça e Artur de Oliveira. Assistiu também a Ir. Lucília de Almeida, nossa professora na Praia e seu esposo, o colportor I. Anselmo de Almeida.

As mensagens do Pastor M. V. Campbell foram particularmente apreciadas, tanto pelos nossos amigos como, sobretudo, pelos nossos membros de igreja. Segundo ouvimos a vários, elas infundiram nova coragem e uma visão mais ampla a todos quantos estiveram presentes.

No Sábado de manhã realizou-se um culto de consagração, que por muitos anos permanecerá na memória de quantos a ele assistiram.

Nesse mesmo dia à tarde teve lugar uma inspiradora reunião de testemunhos. Nela pudemos ouvir o Ir. J. contar como seguia uma vida desregrada e depois que conheceu a mensagem se operou nele e na sua casa uma completa transformação, e como teve o privilégio de, por seu intermédio, ver dez almas baptizadas. A jovem Ir. M. contou como durante 14 anos seguira determinada denominação evangélica, mas um dia um nosso pastor perguntou-lhe se queria ganhar 100\$00 e lhe disse que para isso bastava encontrar na Bíblia um texto sobre a observância do Domingo, — o que foi suficiente para ela começar a estudar melhor a mensagem adventista, que por fim veio a aceitar. As Irs. F. dão-nos a conhecer que aceitaram a mensagem porque na igreja a que pertenciam havia concursos bíblicos para a juventude, e elas vieram ao nosso obreiro pedir ajuda para a resposta a perguntas desse concurso, sendo essa ajuda estendida à exposição de verdades que a princípio não tinham feito objecto das perguntas. O Ir. A. conta como fora um fervoroso católico, mas depois de aceitar a mensagem adventista já teve a alegria de ver baptizarem-se por seu intermédio 27 pessoas. E, como estes, outros deram o seu testemunho de gratidão a Deus por os ter trazido para o conhecimento da verdade e de desejo de O seguir melhor do que no passado.

Depois de concluída a visita à igreja da Praia e de terem sido

cuidadosamente estudados os problemas da Missão de Cabo Verde, regressámos, no dia 31, a Lisboa, depois de uma curta paragem no Sal.

Noutro local deste número da *Revista Adventista* se publica o relatório que, por altura dessa visita, apresentou o Pastor F. Cordas acerca das actividades da Missão durante os últimos anos.

E. Ferreira

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

Faro — É com pesar que damos a triste notícia do falecimento do nosso saudoso irmão Agostinho Costa, pai do Ir. Orlando Tavares Costa. Realizou-se o funeral no dia 1 de Junho. Sua esposa e nossa irmã Carolina Tavares Costa continua conosco em Faro. — João Chaves.

Tomar — No dia 6 de Agosto acompanhámos ao cemitério o corpo da Ir. Jacinta Maria dos Santos, que durante 21 anos foi membro activo da igreja de Tomar.

O seu zelo pela Causa e o espírito missionário de que era dotada contribuíram para que muitas almas, por quem trabalhou, se rendessem a Jesus, regozijando-se hoje na bem-aventurada esperança da salvação.

Que o Senhor nos conceda a graça de participarmos na ressurreição dos santos e de a encontrarmos no Reino dos Céus!

No cemitério, dirigiu algumas palavras alusivas o Pastor Samuel Reis, então de passagem nesta cidade.

À família enlutada, os nossos sentidos pêsames. — R. Meneses.

Emissões Religiosas

Todas as segundas-feiras, às 22,30 horas, Rádio África-Mahgreb, de Tânger, transmite a Mensagem, na banda dos 321 metros.

Ouçã e recomende aos seus amigos.

A partir de 1 de Outubro, as emissões serão ouvidas na banda dos 506 metros (593 kc.).

Avise os seus amigos acerca da mudança.